

II.3 | *Mãe Bahia*

*“Era tão clara a planície,
tão justas as coisas via,
que uma cidade solar
pensei que construiria”*



ASSIM ABRE CANECA a porta do passageiro da Saveiro, inclinando-se sobre onde eu sentaria, olhando-me de baixo para cima por trás dos óculos pequenos demais para um rosto de lua e sol casadas nas luzes e crateras de jornaleiro nortista. Axé, fofanzo, digo eu, vamos cansar essa guerra. Ele ri. Diz como sempre que eu não existo. Você não existe, maninha.

A Saveiro costeia a praia dos Ingleses, Caneca buzina para os moços das redes de pesca, com quem priva aos sábados no que eles chamam brincando de futvôlei meio sentado, e levantamos a saudar, lateral do Museu acima, a brisa de todos os cantos. Nem sua Saveiro eu sinto, meu fofo, nada de nada. É que o sol me deu uma ideia, insiste Caneca. Nem os bancos dela, nada, fofo, o vidro, tem vidro aqui? Pressiono as duas mãos no para-brisa. Tem vidro aqui? Faço o braço direito de asa da Saveiro, bato igual as gaivotas. Qual nossa velocidade de voo, capitão. Ele ri, já sei, já sei, a maninha não existe. Que ideia, Caneca? O sol, diz ele. O que tem o sol. O sol me deu uma ideia.

*Risco nesse papel praia,
em sua brancura crítica,
que exige sempre a justeza
em qualquer caligrafia*

Então ele ergue dois dedos, polegar e indicador. Alta radicalidade, o frei guiar com uma mão. Cuidado, frei. Fofo, olha a estrada. Ele ri rapidinho e segue, Justeza, ele diz, é quando se impõe a distância exata, sem jogo. Eu cutuco seus pneus. Ele grita e volta as duas mãos ao volante. Distancinha o quê, você falou o que do quê, de onde a

onde, jogo de quê? Firme, ele diz, afastando meu braço, reduzindo a marcha. Eu rio. SEU FILHO FICOU VERMELHO, escrevo num torpedão à irmã dele. CHEGANDO EM 15. Envio. ã. Firme. Fala. Sim. Pois, essa é uma parte da locução do velho Caneca do Cabral, a de número cinco, quinta fala do martírio do frade. João diz: o papel onde se escreve não faz diferença

entre a justeza e a justiça

Ora, eu acho q...

Hahaha, desculpa. Eu sempre gargalho quando ele arruma os óculos, pequenos demais para a cara de queijeira santa dele com o dedo do meio e diz Ora, pronunciando um seu gogó de sinuqueiro de boteco, Hahaha, igualzinho sempre, como você consegue, Só um segundinho, Fala, fofo, desculpa. Pois. Se justiça é o ideal de distância entre desejos conflitantes, justeza é o que fazemos deste ideal. Justiça é um norte, ótimo, porém abstrato. Justeza é prática. Na utopia social contrastada no *Auto do Frade*, justiça e justeza deveriam coincidir, na mente do poeta grafada em papel, porque a função primordial do poeta é imaginar ao mundo seus melhores desenhos. Assim pede João Cabral ao pensar com clareza. Nessa cidade solar, será possível *qualquer caligrafia*, isto é, cada e toda ação humana — sentenças judiciais inclusive —, plasmarem sem reservas nosso desejo por essa coincidência. Sem reservas, frei? Sim.

Neste caso, uma reserva seria um afrouxamento lógico, maquiado ou não por falácias, capaz de corromper a regra de ouro. Agir sem reservas, aqui, mantém a justiça num norte elevado, universal e belo. A coincidência dela com a justeza está na concreção de um ato indistintamente desejado e exemplar. Se você defende uma sentença mal pensada ou cruel, certamente desejará reservar, por exemplo, sua filha do mesmo sofrimento. Consequentemente, a função do poeta pretendida por João Cabral estaria padecendo de falta de respeito.

O real talvez seja o papel praia de João Cabral, e nossos atos um esforço contínuo e ubíquo por tal coincidência. Quando a justeza de

uma ação mira um senso de justiça reservado, parcial, não universalizável, excepcional, impróprio, desproporcional, nem belo nem elevado, melhor economizar energia e pensar de novo. Não é a vida, então, professor, que é bela, é a justiça. Ora, não sei, é importante sabermos isso?, diz o homem, levantando o quadril e arranhando a garganta, arrancando a Saveiro para uma seguríssima ultrapassagem, pisca para a esquerda, marcha reduzida, pisca para a direita, marcha seguinte.

Mãe Bahia gira o botão de volume do rádio da Saveiro da Congregação em que Caneca leva a irmã ao compromisso. Ouvem o *schottisch*, da suíte popular do Villa, num quinteto de sopros.

Precisou, frisemos, ela aumentar o som para esvaziar a atenção do diálogo com o motorista e deixar, assim, seu corpo falar sem palavras e clamar, o corpo, na contingência do banco de passageiro, por conforto. Como nem quando fiz a asa da gaivota eu abri o vidro da janela até o fim, indaga. Estava afoita? Sofria da antecipação do daqui a pouquinho?

Sem muito esforço, Mãe Bahia desce o que falta de vidro na porta direita da Saveiro, apoia a pele fina do lado de dentro do braço, um naco de cotovelo a cruzar o ar lá fora, a aba da manga de listras da blusa preta e branca de algodão e poliéster girando feliz logo abaixo do ombro, um sorriso lento a brotar logo abaixo dos marinhos óculos escuros, e ela já não quer nem saber do Caneca. Impondo relaxamento muscular, seu corpo fez também alongar a respiração.

Pode ser minucioso, mas frisemos: assim que entrou no carro, Mãe Bahia acabara de desligar o telefone com uma colega da Universidade onde ensina, outra professora com quem tem rixa profissional. A competição está desigual, pressentiu Bahia. A outra quer o que quer não em nome da produção acadêmica, mas por capricho pessoal, vaidade. A razão, programada para nos salvar a todos, vai cedendo à vigília termogênica do egoísmo, programada para salvar apenas a si. Assim que entra no carro e ouve a segunda muito baixa, a terceira a meio volume, distinguíveis só as vogais, e a quarta linha da

estrofe de Caneca enfim nitidamente enquanto abre o motorista a porta para levá-la ao encontro das amigas como fazem há tantos domingos, *Pensei que construiria*, respira Mãe Bahia pouco mais que dois ciclos por segundo. Quando ri, em “Ora, eu ach, Hahaha”, chega a quase quatro ciclos por segundo. São números muito altos para a frequência respiratória de um humano minimamente concentrado.

•

Os objetos do esforço mental, quando os chamávamos virtuais, assim o chamávamos para facilitar a compreensão de que suas formas habitam um espaço nunca finalmente concebido, mas apenas aproximadamente concebido. O nome era uma abstração pedagógica. Abstração pedagógica é um provável enjeitamento, aceito porque logicamente controlável e útil para fins de construção, mediação e difusão de compreensões. Prepara. Todo objeto, mesmo não mental, pode ser virtualizante, no que carrega de mais ou menos indefinível e perscrutável em potências, potências donde práticas de recepção em formas de discursos transformadores (redescrições) ou de novas potências derivar-se-iam; mas objeto nenhum será, propriamente, virtual. Nem a justiça, visualizável e sentida na regra de ouro.

Quando deita a pele delicada da parte de dentro do braço na porta sem vidro, a respiração da Mãe Bahia atinge 0.4, então 0.2, e então 0.0645 ciclo por segundo. Ela não sabe por que sorri, não sabe por que ri para o motorista quase ausente, não sabe por que ri daquela música que não toca nas rádios, nem nas festas, nem nas novelas brasileiras.

As formas dos objetos mentais ocorrem em frescor de estreia, todos os dias e noites e dias para o encaixe, um encaixe que não nos toca virtualmente, mas tampouco diretamente. Há os vieses da compreensão e da reação, nossos combustíveis a certos saltos, às aproximações de certas estâncias, conquanto as saibamos também passíveis não de pós-logos nenhum (por que haveria de um dado cogitar o pós-dadismo, ou um garfo o pós-garfismo) mas decerto de alguma equívocidade grafológica a erigir bandas discursivas de acessos di-

versos tanto a conceitos quanto às técnicas da percepção.

Não haveremos de suscitar se agora ‘a realidade é assim’ porque a realidade é feita de muitos organismos em convivência, cada um com seus agoras, tantos e tão distintos, em tensão por consensos universalmente aceitos. A conversa grafológica instável acontece em prenúncio à dissolução do logocentrismo exclusivamente textual dos Modernos. O ‘verbo’ grafológico, este que publica em sinais condensados a complexidade da comunicação, deve movimentar nossos trabalhos em duas frentes: dissolução das ilhas de propriedade linguística de um lado, e depuração hiperfiltrada do texto institucional, de outro. A fala, assim, conquista amplitude democrática e inventividade etérea, enquanto as leis são gravadas na apuração tonificada e enxuta que democratiza também o juízo, menos opinativo e mais algorítmico. Incrementa-se a virtude terapêutica dos circuitos afetivos no entrecruzamento das conversas sem exclusividade ao mesmo tempo em que as brechas personalistas ou partidárias a corromper a noção coletiva de justiça são tapadas.

Primaram na altivez tricentenária das luzes e das ciências os contratos, em detrimento das metáforas. Mas porque somos todos poetas e poetas gostamos de metáforas, aprenderemos a não misturar justiça com poesia. Homens e mulheres a gozar, conforme imaginou Caneca, seus direitos ‘naturais e sociais’ a um só tempo, e a exercitar “na sua maior plenidão o doce e inapreciável dom da liberdade.”

Quando perde um cidadão uma liberdade que deve ser comum a todos, “outra igual porção perdem os seus concidadãos.” Siga, pois, você, maninha tal e qual pregou Caneca, “sem nada ver acima de si que a lei e o merecimento por ela protegido.” Hoje seu domingo sagrado, igual a todos e também igual aos nossos, mas novo porque sempre novo. Faça encenar a evocação da história lida da Praieira, o rabo de 52 de um cabo de 17, o ciclo brasileiro dos trucos à independência que rebimbuou Pernambuco.

Em honra às prensas da Rua da Praia, 55, em honra aos secretos cinco mil homens unidos de então em Pernambuco para lutar por re-

conhecimento, em honra ao bom Repúblico Fonseca, e a Nunes Machado, a Divino Mestre, aos alfaiates e artistas mecânicos, aos gráficos e ourives, funileiros, barbeiros, seleiros e cocheiros, lavradores e crioulos e caboclos e negros libertos da nova e revolucionária e burguesa província enfim sem cavalgados. Lutaram pelo imperativo tradicional do dito tricentenário contratualista quando baixou na federação o horror do engano. Pode encostar depois do posto, Caneca. Dá cá um cheiro, fofozão. É você que não existe, viu?

•

A Insurreição Praieira Hoje: como e por quê

uma peça em ato único

~ personagens ~

VRBANA, 35

MOÇÂMEDE, 33

SOCIMPE, 31

ATO PRIMEIRO E ÚNICO

No qual versam, as três professoras, de modo a inspirar os formandos do Colégio Estadual Sales Tôrres Homem, e introduzem os problemas historiográficos da assim tratada Insurreição Praieira

— — —

*P*asto no Recôncavo. Sol do meio-dia. Ampla canga verde-ocre encimada por mesa rústica, sem bancos. Ao longo da mesa, fazenda envelhecida de algodão trabalhada em fieiras, tranças e nós nas beiradas. Ao centro, num surrado barrilzinho de carvalho, decanta a aguardente. Entra Socimpe. Ela enche uma cumbuca de barro, beberica, iliba.

SOCIMPE: Caros formandos, senhores pais, estimado corpo docente. 2017 comemoram o bicentenário do Autonomismo à brasileira. Duzentos anos certinhos. Sim, direi Autonomismo à brasileira, antes de ‘sedição pernambucana’; direi Autonomismo à brasileira, antes

de 'traição republicana'. Quando retomaram, ainda no XVIII, das garras e sanhas batavas os bravos homens e irmãos nacionais a terra filha das águas do Beberibe, foi para de bom grado compor o Império e jogar junto. Sempre foi. Para de bom grado apresentá-la em presente, íntegra e integrante da empresa além-mar, doravante aquém-mar, antiga jangada de pedra, atual Novo Mundo. Compor, não a despeito do ensimesmado trígono mineiro-paulista-fluminense, mas JUNTO deles, e a par, nem atrás, nem adiante. Tal batalhuda conquista inoculou entretanto no psiquê e na biles pernambucana qualquer forte jactância de pertença radical, ênfase de face e de pose insubmissa. Diga trauma quem puder; aqui diremos conquista. Levantou Pernambuco e ousou gritar, na roda confusa dos irmãos confederados? Pois, de 1817 a 1852 gritou-se muito, em Pernambuco e alhures, contra a carência e a negligência, até que com o bom coração do Regente nos encontrássemos, e baixo sua graça se amalgamasse um nosso traçado, e o de uma vasta pátria futura a cintilar e a unir tantas potências. Por que Pernambuco gritou? Ora, seria leviano apontar as raias tão fáceis da desilusão ressentida, da rebeldia sem causa. Assim fizeram tanto e por tanto tempo os historiadores assentados lá nas sombras bojudas das castanheiras da Rio Branco do Distrito Federal. Mude-se todavia a perspectiva, dê-se ao Norte a voz do Norte, e a desilusão se recompõe em cristalina e necessária utopia, o ranço rebelde em luta apenas justa de um corpo ferido pelo descaso da pátria. Se o Império, quando aparece, é mero coletor e repressor, distanciado em sua inércia de conluos exclusivistas, para não dizer brutalmente ausente, decerto dormirá inseguro se a província abandonada ocuparem reles engenhos e cavalgados, o antiquado binarismo nosso, tão odioso quanto insustentável. Mas a brava Recife era rica de gentes. Lá, artistas de ofício e homens das letras, cientistas e promotores do Direito, as mãos e os braços da lida do campo e da imprensa, apoiados inclusive por nem um nem dois, mas sete caudilhos, souberam levantar, justificar, articular indignações no vocabulário das mais modernas noções de justiça social tomada e traduzida à avançada Europa, e souberam sobretudo não dizer, jamais, Estado, se tal viesse irreconhecível em sua ausência, traição, impostura. Será tão chavão quanto incontornável citar o brioso e preocupado redator que cede o nome à Escola onde

agora, espero, este vídeo se exhiba: Timandro, em seu famoso Libelo, fez brilhar a eloquência e elevou sua razão aos limites da mais contundente lógica, sem espaço ou ar demais às cerimônias quando o trato era forjar, no seio de um governo improvisado e de uma terra achincalhada pela desordem e pela cordialidade maliciosa, a nação desejada, livre e justa. Disse assim Timandro,

Considere-se a lastimável posição de nossa pátria! Uma constituição nominal; direitos sem exercício, interesses sem satisfação, liberdades sem garantias, ministérios sem dogma e sem nacionalidade; um senado vitalício e faccioso em plena revolta contra o princípio do governo, pretendendo-o transformar em oligarquia à veneziana; o direito de propriedade sem segurança porque a justiça civil é distribuída por magistrados políticos que sacrificam a paixões de partido a imparcialidade do julgamento; a justiça criminal entregue a inumeráveis hárpias de uma polícia que atropela, despoja e escraviza o cidadão pacífico; a indústria nacional monopolizada pelo querido português, enquanto o povo enjeitado geme sob a carga dos tributos, que exige a dívida de 400 milhões despendidos na bela empresa de afogar em sangue seus clamores e de enriquecer seus inimigos; a nação envilecida, desprezada, conculcada por uma côrte, que sonha com o direito divino e só respira a aura corrompida da baixeza, da adulação e do estrangeirismo; nada de generoso, de nacional, de grande; nada para a glória, para a liberdade, para a prosperidade material; o entusiasmo extinto, o torpor do egoísmo percorrendo gradualmente, como a finalidade do veneno, do coração às extremidades, e amortecendo as carnes mórbidas de uma sociedade que supura e dissolve-se... tal o estado do Brasil!

Timandro pergunta mais à frente quem fará do brasileiro um cidadão. Talvez assim se veja bem as ganas de Pernambuco, como a de um homem que trabalha, trabalha, trabalha e, quando chega em casa, não pode descansar, pois deve CONSPIRAR para que não o

rejeitem e extirpem-lhe a dignidade já na manhã seguinte. Achamos estranho demais ouvir as acusações que chegavam do Rio de Janeiro via cordialidade conservadora: Pernambuco queria 'sabotar' a difícil e delicada missão organizadora. Mas como acusar o engenheiro de sabotar um projeto de arquitetura que sobe uma escada do chão à parede sem que, em seguida, abra-se uma porta? Escada que dá na parede? O engenheiro resolve, reorganiza e diz: ou abre-se porta a outra área útil, ou melhor será esquecer a escada! Jamais sabota. Quando entrega-se a província aos mandos de donos de terra destemidos da obsolescência das próprias certezas, abre-se também e imediatamente o caminho para as cornetas de um curso de trigonometria, lógica, grego, latim, armadores e estudiosos de códigos que repelem os desperdícios do atraso. Neste sentido, Pernambuco foi a Escola do Autonomismo à brasileira. As reuniões noturnas dos operários, a luz dos sete caudilhos, as cartas fundadoras do temperadíssimo Frei Caneca, o insistente jornal da Rua da Praia, número 55. Por não pertencer ao triângulo estreito dos cafés, saquaremas e luzias, acabou por inventar, no fulcro do ocaso, de Caneca a Borges da Fonseca, um laboratório agitado sim, mas de saudável afirmação. Se quando provocados covardemente à injúria, injúria cogitaram, a repressão do Império só confirma os métodos apequenados do desprezo apriorístico. Ser conservador, veremos logo, é outra coisa que um simples desprezar da diferença no diálogo, outra coisa que um bruto silenciar de desejos são. Quando pesa a mão do Império, imperioso é não assumir motivação sem diagnóstico. Observar e irritar-se com agitos de superfície é costume familiar comunitário de vizinhança, lá onde grita-se de parte a parte e tudo se resolve desde o bom e velho saber da unidade do organismo, que se mexe: somos um, e a mesma carne. O Império, quando age de modo a pronunciar o Direito, examina através dos movimentos. Não é outra a origem deste termo: diagnosticar é olhar atravessando, para além do que se agita, substância adentro. Abafar trabalhadores que exigem direitos iguais aos competidores, jornais que vocalizam a argumentação abolicionista, intelectuais que perscrutam distanciados horizontes de reformas cabíveis e melhoramentos de desenhos a um projeto de União, não são atos que bem se coadunam ao desprezo estatal. O experimento é um de cura, harmonia, conversa, justas separações.

Sãos eram os desejos dos insurrectos do Capibaribe, Santa Cruz e Toritama, dos insones das Pedras do Sono de Recife e arrebatos de arribadas confrarias, porque distanciados vinham sim da artimanha exclusivista, do egoísmo particular. Levantavam-se contra a oficialização do deserto, contra a ‘vocalização da calça’. Deles eram desejos antes referenciados nas melhores práticas do tempo inaugural das luzes modernas que fundaram nada menos que as garantias que permitem a boa parte dos cidadãos do mundo livre e justo inventar, hoje e séculos adiante, um caminho original para além de contingências e prisões ilógicas. Desejos tratados à exaustão na revisão de pares e dos testes já superados em experimentos outros de governos e confederações, alhures e mais avançados como a francesa e a norte-americana, corajosamente adaptados e difundidos ao experimento brasileiro que apenas nascia. Desorganizadores? Pediram Moraes, João Roma, Lucena, João Paulo, Leandro César, João Batista e Borges da Fonseca o “voto livre e universal do povo brasileiro”. Que há de desorganizador nisso, pergunto? Pediram a “plena e absoluta liberdade de comunicar os pensamentos por meio da imprensa”. Isto é sabotagem? Pediram o “trabalho como garantia de vida para o cidadão brasileiro”. Vilipêndio? Se o que pediram além ofendia preceitos quaisquer centrais à operação da Corte, as tribunas e os oficiais ali estavam para contra-argumentar e ceder ou não ceder. Mas que as três principais petições dos praieiros soam claramente justas, isto não se há de negar. Nós crescemos e aprendemos a bater o chão de casa com África mainha, a água trazida de fora e o fogo aceso, os círculos no chão com Baba painho dentro. Mas quando saímos de casa para falar e negociar, e não mais praticar o desfile frugal das latas na cabeça, fundamos a maternidade baiana. Aqui é tempero. Aqui é tempero novo. Novinho que busca longe e apimenta. Se não, estaria sozinha. Pergunto: estou sozinha?

Entram Moçâmede e Vrbana.

VRBANA: Arreita essa desgraça!

Vrbana entorna a cumbuca de aguardente, emborça o barro com estrondo.

MOÇÂMEDE: Orgulho da mãe, maninha minha!

VRBANA: Foi introito isso, doida?

MOÇÂMEDE: É a antessala da maninha. Que linda.

SOCIMPE: Exagerei? Não, não exagerei. Não bebe, mana?

MOÇÂMEDE: Tô cos ventres alarmados, mana.

SOCIMPE: Malagueta?

MOÇÂMEDE: Dendê.

SOCIMPE: Arre.

VRBANA: Foi à guisa de introito isso, fia? Ou cabou já? Tó, veste meu barrete.

Vrbana oferece um barrete que tira do bolso de trás de sua calça folgada, Socimpe rejeita educadamente. Vrbana veste a si. Enche outra cumbuca, entorna e esguicha no ar.

VRBANA: Salve molecada! Seguinte. Vou ser breve que o pepino tá o olho da cara. Quero dar um salve aqui no ensejo, por favor, aos cabanos, um salve aos balaios, aos sabinos um salve, e aos farrapos. A gente trata aqui dos praieiros falando deles e por todos eles, correto? Esse pedaço de terra é um corpo inteiro. Muito mais que umbigo, muito mais que a chamada mão da justiça. A gente era pé pisando miúdo nos currais, era lombo ardendo na lavoura indecente. A gente era braço, e braço é braço. Braço dessa onda toda que veio dar hoje aqui, tá correto? A gente era... a gente é e... a gente...

Vrbana aperta os olhos. Moçâmede se aproxima em consolo, Vrbana a repele e recompõe-se.

VRBANA: Nada contra umbigo! Nada contra umbigo inclusive pra quem não sabe o nome samba ele mesmo se não me enganaram vem da dança da umbigada que a gente inventou na África nossa aqui, uma dança de juntar e separar num compasso de um dois. E mão. Mão também nada contra, inclusive dá oi aqui pra minha, ó. Se for da justiça melhor ainda, a tal da mão, mão e sentimento de mundo, agora, a pergunta que fica aqui é a seguinte, correto? Justiça de quem? Justiça pra quem? Quem roda a moenda que nem animal tem justiça? Quem carpe de sol a sol? Quem sobe a ladeira dez, trinta vezes no dia? Tem justiça? Eu pergunto. Né? Socimpinha, minha cabocla, você que é estudada me corrige se eu tiver falando besteira, por favor.

SOCIMPE: Você tá certa, Urbana minha.

VRBANA: Eu pergunto que que é uma violência, não é mesmo? Que que é um ato de violência se não é a última coisa que a gente quer? Dá pra compreender essa simplicidade? Uma simplicidade dessa? Ou: neguinho calejado vai ter que depois fazer mais correria pra reclamar que assim não dá o quê que assim não dá? Ou a gente não fala português de brasileiro aqui então vamo fazê desenho? Desenho na parede? Aí eu te pergunto, ou pergunto ou bem sugiro aos formandos e senhores pais, tá perfeito? Polícia não é trabalhador? Igual eu igual os senhores professores eu inclusive? Os soldados do Caxias não é gente nossa cabocla trabalhadora igual essa minha socimpinha aqui?

SOCIMPE: Bondade sua, mana.

VRBANA: Então a gente tem: hoje o rico ontem não era trabalhador ou filho de rico que era filho de trabalhador e foi assim por adiante porque aqui a gente transfigurou essa questão da herança? Da Europa que veio e trouxe a gente de punhado porque veio nobre mas também veio preto rendido veio árabe a rodo judeu japonês e pé rapado? Então aqui teve dragão no grito e depois e tempo afora foi cruzeiro e pra mim cruz é símbolo de pedreiro. Se não é a terra nossa aqui terra de trabalhador então não é de ninguém, de ninguém

pode ser, nem paraíso e muito muito menos inferno nessa terra que deu mamão, tá correto? Deu mandioca. Que inferno tem mamão? Eu pergunto. Que inferno tem mandioca? Pega essa coitada aqui, Moçâ...

MOÇÂMEDE: Que é, maninha.

VRBANA: Faço questão. Conta por favor. Conta de...

MOÇÂMEDE: Tá tudo bem, eu tô meio indisposta.

VRBANA: Mas tem que falar, tão gravando, é a juventude lá levando adiante!

SOCIMPE: Ela fala quando tiver disposição, Urbana, vamos lembrar...

VRBANA: Lembrar! Lembrar! Você sempre querendo ditar pra gente o que que faz agora e agora! Mas é agora! Eu tô...

Vrbana caminha fortemente até Moçâmede, a pega pelo braço. Moçâmede faz corpo mole mas cede.

VRBANA: Tó.

Vrbana veste o barrete em Moçâmede, que o joga longe.

VRBANA: Eita, grossa!

Vrbana empurra Moçâmede, que cai no chão provavelmente exagerando o golpe.

SOCIMPE: Epa!

Socimpe acode Moçâmede, que balbucia um ensaio de choro e tontura e cobre o rosto.

SOCIMPE: Passou, maninha. Não quer falar não fala.

MOÇÂMEDE: Eu falo, Sô, é que....

VRBANA: Fala, égua!

MOÇÂMEDE: Me deixa em paz, matraca louca!

VRBANA: Essa é minha filha!

MOÇÂMEDE: Não sou sua filha!

Vrbana se aproxima, rosto colado e queixo erguido.

VRBANA: Então fala.

Socimpe se aproxima das duas. Por um instante, as três muito próximas formam um triângulo cuja tensão se deixa acusar na forma gradativamente inquieta com que respiram. Num gesto de resolução, Moçâmede leva as duas mãos à cabeça e dá um passo para trás. Socimpe arqueia um braço sobre os ombros de Vrbana, as duas caminham para fora da canga, e juntas dão as costas para a câmera para observar a amiga que restou.

MOÇÂMEDE: *(olhos fechados, longa inspiração)* Que é a praia, senão rocha esfacelada e resistente em comunhão com a mais pesada água em movimento? Que não foi a rocha outrora parque de sedimentos e fogos, corpos em dissolução na invernoada, praia longa e retirada da cadência chocante do bailado universal que nos cativa, milagre ínfimo de pele frágil, chorosa. Que água é essa que pesa e também dança, anima e também convulsa, repulsa e mais que tudo engole alheia aos astros que cintilam, orbitam em assustada velocidade e exercitam distraídos as fórmulas da atração. Que sal da terra é este que leciona os recomeços, impele os ciclos de vícios e curas à luz da sanidade neutra ou esvaziada dos fenômenos sem tempo e sem doutrina? Que peso pesa e arde e nos há de socorrer da fabricação incontestada das injúrias e dos climas de cisão e rinha, que peso mi-

nhas pernas e tronco hei de trocar com a vigília do incômodo em ombreamento de sombras e litígios? Quantos serão os meus desertos, quantos os desertos dos meus? Por onde hão de cruzar tão finas e periclitantes sandálias? Deixei um vale de baobás, sete quedas de um rio bravo, os sinais dos meus avós em lascas e moedas incrustados para abrir em cruzada as vertentes de uma paz insólita, do outro lado da terra, uma paz em cujo seio eu plantaria agora a decisiva e forte e prenehe copaíba, o maiúsculo jatobá, tramando nos silêncios do meu leve contrabando a miscelânea mais e mais ótima daqueles segredos que o vento sopra, as dádivas de renovados rapapés para curar meus filhos desventurados, apátridas involuntários de um comércio sem face e sem preço. Tanto dislate nos fundos de um exílio que não cessa, disparate e despautério que rimbombam repetidos e não caem, e não caducam, e um olho na fome, e um olho na pequena tralha fechada em trouxa para a fuga de amanhã, e o sono este agouro em léguas distante, em anos-luz possível, um oásis de matiz esmorecido que sequer mais ousamos cogitar, e os sonhos a moenda das virtudes ressequidos e atravancados pelo sim dos nossos não, pelo alto e ordenado não de quem nunca assentirá. Já não há entrada e saída, origem e destino, se tudo é cova próxima, se buraco e quietude é salvação efêmera do mal vindo, do crápula estranho, do mal querido. Mostre um homem de coração pulsante que não seja estrangeiro nesse mundo de bromélias e palmas e grilos. Um homem que não seja um desgraçado nesta avalanche de desdém e de passados brutais, magmas, maremotos pesados, tufões, desvarios dos céus, afrontas tão parvas e coléricas quanto podem nossas humildes obras e caixinhas imaginar e rezar contra. Um homem que não caminhe único e estritamente no cuidado e na fé do fio vermelho que redige por si só o insuspeito fim do seu exílio. Um homem cujos braços não o façam enfim menos distante da forja fraternal da cidade. De quem será e a quem caberá e com que sorte de chancela o privilégio de cobrar sem antes e primeiro provar-se como um e cada um de nós, os provados? De quem será e a quem caberá e com que sorte de chancela a autoridade de impor-se sem antes passar a limpo a própria condição e mente como um e cada um de nós, os passados? Refiz em Pernambuco os limpos círculos memorizados desde alguns poucos encontros com o chão batido de minha avó. Naveguei

balbuciei de cor o cordel dos murmúrios dela, fechei como podia um corpo e algumas braças de pisador, pus fogo numa água e água numa terra e terra no redor da copaíba, e dela tirei seiva para untar faces e punhos da família esquiva, a minha. Que fez de mim Pernambuco? Que fez dos meus um meu lugar?

Moçâmede mete a mão na entrância esgarçada de suas muitas camadas de veste que reúne sarja, linho, algodão e arremedos de rendas e bordados sujos e retira, da altura do peito, um cilindro de madeira oca sobre matriz de lápis azul. Destampa a cortiça presa ao couro que pende no pescoço e emborca cintilante cachoeirinha em areal colorido. Faz gestos largos com o braço a esvaziar o receptáculo, e no ginásio improvisado para a cerimônia dos formandos, uma viola monótona e sutilmente arrabecada num trinado que vacila cromaticamente se faz ouvir. Há, naquela plateia de pais, mestres e jovens adultos, quem cochile, mas há quem aperte os lábios e os olhos.

Vrbana produz uma enfeitada caixa de tambor e entoa as marcações binárias de uma marcheta marcial. Mais Socimpe, retornam ao centro da canga e as duas ladeiam uma ajoelhada, de volta com as mãos a cobrir o rosto desgastado, Moçâmede. Vrbana mantém a marcha em baixo volume.

SOCIMPE: A moral dessa Bahia, caro corpo docente, caríssimos pais, diletos estudantes, se faz no uso profícuo do conjunto fogo, suporte, caldo e panela. Nossa colhér foi antes um colhér, o colhér um plantar, e o plantar um arar a terra e antes da terra um ne-ces-sit-ar. Nossa chave é um tempero. Nada tão leve na história moveu tanto peso. Nada mais que o tempero. Pé de quê? Gosto de quê? Vai com quê? Casa com quê? Mistura e salva, encorpa e prontifica, destaca e adere, esconde e torna. Mais que tudo, equilibra num novo patamar. Depois, depois da base. Depois, depois do círculo elementar. São círculos móveis, orbitam massas de futuro e desmancham colisão em conjuntura. Renomeiam, redescrevem, reverberam, refazem e refazem, refazem e refazem renascer. Passam rentes, tangenciam, mas não podem, dada a circunscrição volumétrica da panela, evitar os encontros. Ei-lo cá, um exemplo, módico, de três fêmeas numa

canga a invocar voz e cancha, choro, berro, ordem e quadril. Plena Bahia, mãe de suas filhas.

Vrbana cessa o ritmo. Limpa a garganta em tosse escandalosa.

VRBANA: Ô Monça monçonha, água de monção, levanta desse joelho que tá feio.

Moçâmede só então livra a cara e com vagar se põe de pé.

VRBANA: Foi à guisa de desfecho essa rezinha, mana?

SOCIMPE: Nã-não, fiquem à vontade, temos uns minutos ainda.

VRBANA: Correto. A deusa fatigada acabou?

MOÇÂMEDE: Eu tô um pouco tonta.

VRBANA: Também você não come!

MOÇÂMEDE: Claro que como.

VRBANA: Socinha, fala tu que eles acreditam. Essa aqui comeu o que no brunch hoje?

SOCIMPE: Meia torrada.

VRBANA: Meia torrada, minha filha! Olha teu tamanho!

MOÇÂMEDE: É o sol... eu,... meus lábios estão rachados....

SOCIMPE: Bem, acho que vamos acabar por aqui, eu tinha um desfecho poético preparado mas a gente tem que pensar no bem estar da turma. Caros professores, carí...

VRBANA: Peraí, peraí! Eu não acabei ainda.

SOCIMPE: Vamos olhar pelo bem estar da nossa irmã, Urbana.

VRBANA: Tó.

Vrbana oferece a caixa de tambor para Moçâmede.

VRBANA: Segura em cima da sua cabeça.

Moçâmede assim faz, ganhando uma porção de sombra. Vrbana tosse.

VRBANA: Irmã Socimpe, guerreira das tribunas que vai lá falar a língua dos Impostos; irmã Moçâmede engenhosa e apostólica minha, vibrante e sensível, graça nossa e estampa nossa da dor do mundo. Horrorosa plateia distante desse recôncavo. Faz um tempo a irmã Socimpe me acudiu a ideia básica de que quem agou a Insurreição Praieira foi ela mesma a própria gente da Praia. Eu na hora discordei e xinguei o jeitão moderado dela mas depois vi, sem aquele rodo e aquele pano que ela traz que nem insígnia, a praça e a oficina ainda estariam todas as duas encharcadas até hoje. Meu funcionamento sempre foi oficial de ofício, e assim desejo o nosso, oficial de ofício. Se o governo vem de fora e joga osso, eu grito pra gente pôr governo novo, e assim foi é e será. Então tem a conversa. Então tem os tratos e distratos, a força e o não pudor dos punhos que assinam, coisa que mais dia menos dia a gente aprendeu. De modo que tá correto, e a união faz mesmo a força e forma o dito do meu povo. À guisa de recordação portanto as senhoras e senhores agora me esperem (*tira um papel dobrado do bolso de trás do brim rancheiro, suga os dentes e estala os suspensórios. Entorta o barrete*). Achei de bom tom viu, Socimpe, viu Moçã, acorda! (*Moçâmede assusta*) Eita fia, segura a caixa, (*tosse*), bem, achei por ventura de bom tom e à guisa de homenagem, correto, encarnar aqui agora a voz do poeta da terra mesma do Caneca, terra mesma do Fonseca e da prensa brava daqueles homens que juntos de tanto nordeste ensinaram o Brasil, ensinaram que entre o homem do engenho e o cavalgado vigoram os braços obreiros, braços que no quente da noite podem se enlaçar e revoltar o status de quem for e precisar. Tá correto, portanto, eu recitar agora uns versos. Por obra e graça de Socimpe, ela que me cedeu

duas estantes e fui montando meus livrinhos, também do meu lado da rua, e hoje cedo me bateu uma inspiração antes de encontrar as irmãs no brunch. Arre, tô nervosa. Bom. Abri ao acaso aquele tolete do João Cabral, que como cabra é amplo João, e como João é uma senhora de uma cabra, um cão sem pluma, um engenheiro e de fato um museu de tudo e mais um pouco, e não gostei do poema que caiu na página, então dei umas folheadas até chegar nesse outro aqui que eu gostei. Em que pese a lua que já tá rachando os beiços da irmã, o poema se chama ‘Tecendo a manhã’, e acho de bom tom e de bom grado a leitura, especialmente à guisa de formatura: (tosse, cospe) Certo. Dá licença.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

Moçâmede larga a caixa e cobre o rosto com as mãos, arqueando o tronco. Socimpe acompanha de cor a segunda estrofe, e as duas declamam em uníssono.

*E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*